



Hyppolito José da Costa Pereira

A memoração que em um dos passados numeros fizemos do eminente jornalista Evaristo Ferreira da Veiga, despertou-nos a recordação de um nome não menos illustre, o de Hyppolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, o fundador da nossa imprensa jornalística, grande factor da nossa independencia litteraria, o primeiro, emfim, que proclamou livre a mentalidade brasileira.

O *Correio Braziliense*, fundado e redigido em Londres, de 1808 a 1823, por Hyppolito, foi o arauto da nossa nacionalidade, pois

antes que se realizasse a nossa independencia politica effectuára elle a nossa independencia litteraria. Essa revista foi o baluarte donde partiram os primeiros ataques contra a servidão em que viviamos, e onde primeiro fluctuou tambem o pavilhão da nossa liberdade moral, posta á sombra protectora de uma grande nação, á qual tanto deve a autonomia do imperio sul-americano.

Hyppolito José da Costa Pereira nasceu na nossa antiga e hoje perdida colonia do Sacramento, aos 13 de Agosto de 1774. Filho de pais abastados, foi bem cedo enviado para a

metropole, onde não tardou a revelar extraordinaria aptidão polyglotica, manejando com summa facilidade as linguas mais correntes da Europa; e matriculando-se na Universidade de Coimbra, fez brilhantemente o seu curso, formando-se a um tempo em direito e em philosophia.

Depois de formado deu preferencia ás investigações da economia politica, attrahido talvez pela novidade da sciencia, que só então começava a ser estudada em Portugal, tornando-se nella tão notavel na metropole como na colonia o seu compatriota José da Silva Lisboa, para quem mais tarde expressamente foi creada uma cadeira dessa materia no Rio de Janeiro, por occasião da chegada ao Brazil da familia real.

Bem depressa foram os talentos de Hyppolito convenientemente aproveitados pelo governo portuguez, que o nomeou director litterario da Junta da Imprensa Régia, e pouco depois, talvez por instancias suas, o mesmo governo deu-lhe a incumbencia, naquella qualidade, de ir a Londres fazer aquisição de novo e aperfeiçoado material para a Imprensa, e ao mesmo tempo colleccionar obras modernas para a Bibliotheca Nacional.

Chegado áquella cidade, Hyppolito procurou iniciar-se em todos os adiantamentos sociologicos, e, como á frente do grande movimento estivesse a Maçonaria, filiou-se desde logo ao Grande Oriente, tomando talvez o compromisso de auxiliar a propaganda em Lisboa, onde por esse tempo já havia alguns maçons, principalmente estrangeiros.

Regressando á capital da metropole, Hyppolito foi denunciado ao Santo Officio como franco maçom, e consequentemente—inimigo declarado do throno e do altar.

Preso immediatamente, vio-se, com grande surpresa sua, de empregado da mais alta confiança do governo convertido em réo de nefando crime, e como tal lançado nas escuras masmorras da Inquisição.

A historia dessa prisão, bem como os capciosos interrogatorios que lhe foram feitos com o fim de enredal-o em tricas de imaginarios crimes, foram minuciosamente descriptos pelo proprio Hyppolito em sua *Narrativa das Perseguições* que soffreu, impressa em Londres em 1811, em dous volumes em 8º, com o seu retrato adornado das insignias maçonicas, do qual reproduzimos o que orna este artigo, trabalho muito curioso pelos dados que contém a respeito da instituição do Santo Officio, e regulamentos do terrivel tribunal.

A Inquisição, em Portugal, já por esse tempo achava-se, porém, em grande decadencia, precursora da total extincção que não

tardaria a sobrevir; por isso facil foi ao poder maçonico arrancar de suas garras Hyppolito, proporcionando-lhe a fuga para Londres.

Não obstante a frouxidão inquisitorial, o governo portuguez não podia ficar indifferente ao caso, pois não tratava-se unicamente de um accusado de attentar contra as crenças religiosas, mas tambem, e o que era mais ponderavel, contra as instituições politicas. Hyppolito não era só um livre pensador; tambem era um liberal, cujo talento punha-se ao serviço de idéas então consideradas subversivas.

Reclamou, pois, o governo portuguez ao inglez a entrega do fugitivo para ser severamente punido; mas baldadas foram todas as instancias e insistencias: a Inglaterra não só negou-se peremptoriamente a semelhante concessão, como até pareceu proteger Hyppolito permittindo-lhe a publicação de um periodico politico combatente contra a metropole, e inspirador de idéas separatistas á colonia do Brazil.

Auxiliado pelos seus irmãos maçonicos, entre os quaes se contavam opulentos lords, senão tambem pelo proprio gabinete inglez, Hyppolito emprehendeu a publicação de uma revista quinzenal, modelada pela de *Edimburg Review* ou pela *Quartel Review*, escripta em portuguez e consagrada á politica, sciencias e letras.

No dia 1 de Junho de 1808 appareceu o primeiro numero do *Correio Braziliense* ou *semanario litterario*, com oitenta paginas in-4º, impresso nas officinas de W Lewis, em Londres.

Em seu artigo de apresentação Hyppolito limitou-se a lamentar que por aquelles tempos ainda estivessemos privados dos soccorros da imprensa, « necessarios, dizia elle, a um *estado independente*, o qual poderá algum dia rivalisar, pela sua situação local, em que a natureza poz o vasto *Imperio do Brazil*, com as primeiras potencias do mundo? »

Como se vê, para Hyppolito a independencia estava feita desde que a monarchia portugueza se transportára para a America; e no proposito de concorrer para a diffusão das luzes no Brazil, ao qual dava abertamente a qualificação de Imperio, é que dizia elle ainda: « Levado destes sentimentos de patriotismo, e desejando *aclarar os meus compatriotas* sobre os factos politicos, civis e litterarios da Europa, emprehendi este projecto, o qual espero mereça a geral aceitação daquelles a quem o dedico. »

Logo nesse primeiro numero, Hyppolito abre uma secção com o titulo de « *Pensamentos vagos sobre o novo Imperio do*

Brasil,» na qual se depara, entre outros, com o seguinte trecho: « Não entrarei aqui na discussão dos limites, que deve ter o Imperio do Brazil, e até que ponto o principe-regente poderia, com prudencia, usar dos direitos, que tem ao todo das colonias de Hespanha; porém é evidente que, se o governo do Brazil intentasse agora a total conquista de todas as colonias hespanholas, ainda quando tivesse meios de o fazer, seria expôr-se a lançar no esquecimento a administração interior dos seus Estados do Brazil, que são tão susceptiveis de melhoramento, quanto têm sido até agora desattentados.»

Julgue-se da indignação e pasmo da côrte portugueza diante de tão inaudito arrojo; imagine-se que esforços não empregou ella para haver ás mãos o ousado evadido dos carcereiros inquisitoriaes, e o quanto não daria ella para fazel-o calar de uma vez para sempre.

Em tão apertada conjunctura, considerando o caso como questão altamente diplomatica, o governo portuguez pedia ao inglez, por intermedio de seu representante, quando menos a cessação daquelle periodico, cujas doutrinas ameaçavam perturbar a paz da colonia sul-americana, justamente no momento em que a ella se abrigára toda a côrte.

Ha razões para crer que, negando-se a satisfazer este pedido, tanto mais bem fundado quanto a Inglaterra se havia convertido em uma especie de protectorado para com a oscillante monarchia portugueza, o gabinete britannico favoneava as idéas emancipadoras de Hyppolito, aliás muito aceitaveis pelas vantagens que este patenteava naquella precitada secção do *Correio Braziliense*.

« Foi então, diz o Sr. Eduardo Perié em sua *Litteratura brazileira nos tempos colniaes*, que o combate tomou proporções collossaes, avultando a luta da intellectualidade contra a prepotencia, da luz contra as trévas, do direito contra a tyrannia, da liberdade contra o despotismo. Brotavam as idéas das columnas do seu periodico como uma torrente avassalladora, com todo o impeto do enthusiasmo, com toda a convicção do direito, com toda a verdade da sciencia. Era a patria opprimida encadeada ao escabello de um throno caduco, que se apresentava ante a nova ordem de cousas; eram todas as injustiças do passado, todos os privilegios da raça e todos os abusos do poder, circumdado de fogueiras, de esbirros, de excommunhões, para abafar o pensamento e trucidar a consciencia; era, finalmente, a voz da America pedindo lugar entre as nações civilisadas, e reivindicando para seus filhos o direito de

ser livre e desprender aos quatro ventos a sua bandeira.»

Não conseguindo fazer abafar a voz de Hyppolito daquelle inexpugnável baluarte, procurou ainda o governo impedir a entrada do *Correio Braziliense* na côrte do principe-regente; mas em vão o tentou, pois apezar das mais severas penas e terminantes ordens, o periodico apparecia por toda a parte: nos paços de S. Christovão, no gabinete de D. João VI, nos quartos das princezas e damas, contra as quaes verberava Hyppolito severas censuras, encontrava-se essa publicação.

Era o ariete contra aquella côrte mais relaxada que perversa, que, apezar dos bons desejos do rei, não podia elle fazer mais, porque mais longe não iam os seus conhecimentos. As palavras do jornal de Hyppolito penetravam em toda a cidade; as idéas novas apossavam-se de todos os animos, como os raios de luz penetram por todas as frinchas em um aposento fechado.

Vendo o governo de D. João VI que nada conseguiam as suas medidas repressivas, tratou de auxiliar em Londres a publicação de um periodico que combatesse o *Correio Braziliense*; creou-se então alli o *Investigador portuguez em Inglaterra*, mas com tão máo exito pela venalidade de seus redactores, que o órgão governista cessou a publicação emquanto que o propagandista da independencia brazileira prosequia cada vez mais forte e mais aventurado.

Essa propaganda tornava-se cada vez mais efficaz, pois Hyppolito não se limitava a condemnar por atrazada e ignorante a politica portugueza, nem a demonstrar os erros aliás flagrantes do governo. Habil economista e grande conhecedor da politica do velho continente, despertava o interesse das nações europeas, comprovando as vantagens que ellas colheriam da independencia do Brazil, principalmente as nações mercantiles, publicando para isso estatisticas do movimento da producção e da população brazileira, que á força de pacientes investigações elle mesmo organisava, dando conta da exportação e importação dos nossos portos franqueados ás nações amigas de Portugal, patenteando a fecundidade do solo, a riqueza de seus productos naturaes e os grandes proventos da agricultura, o que tudo muito contribuia para o apoio que a causa da nossa independencia encontrou sempre no governo inglez.

Hyppolito foi um athleta daquelle periodo; elle só, com o seu periodico, fez tanto como os demais factores da nossa independencia, pois certo da neutralidade do terreno em que

pisava, dava d'elli os mais ousados combates ao velho regimen, atacava-o de frente, subjugava-o, prostrava-o, vencia-o, com a sua logica de ferro.

De 1808 a 1822 não descansou um momento, não deu treguas ao inimigo; colhia pacientemente todas as peças por insignificantes que a qualquer outro parecessem, avolumava cada vez mais o processo e arrazoava com a convicção de quem se identifica com a justiça do seu cliente.

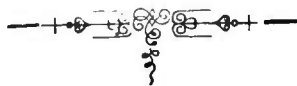
Só quando o brado do Ypiranga, atravessando os mares, foi echoar acariciadoramente aos ouvidos do herculeo batalhador, ás margens do Tamisa, é que reconheceu elle que estava cumprida a sua gloriosa missão. O combatente estava exausto, mas a espada fulgurava sempre firme em sua dextra de gigante.

Em 1823 Hyppolito publica o ultimo volume do *Correio Braziliense*, o 29º, despedindo-se dos leitores. Achilles recolhia-se a sua tenda, mas já ia ferido.

D. Pedro I deu-se pressa em recompensar tantos e tão bellos serviços, começando por nomear Hyppolito nosso consul na cidade de Londres, lugar esse já então de grande renda, pois a maior força das nossas transacções externas se fazia por intermedio dessa praça: foi esse o unico galardão que mal teve tempo de receber, pois a morte o surpreendeu a 11 de Setembro de 1823, com 49 annos apenas de idade.

Não exagero talvez repetindo o que já uma vez disse, com respeito áquella revista e a seu redactor: « Nunca o jornalismo abraçou mais nobre causa, e nunca tambem jornalista algum alcançou maior triumpho. Podia depôr a penua e remetter-se ao silencio, estava escripta a sua epopéa; e seu nome atirado aos vindouros jamais poderá perecer, pois, embora tenha temporariamente cahido em tão injusto olvido, esse nome será sempre para o Brazil uma das suas mais fulgurantes estrellas intellectuaes. »

FELIX FERREIRA

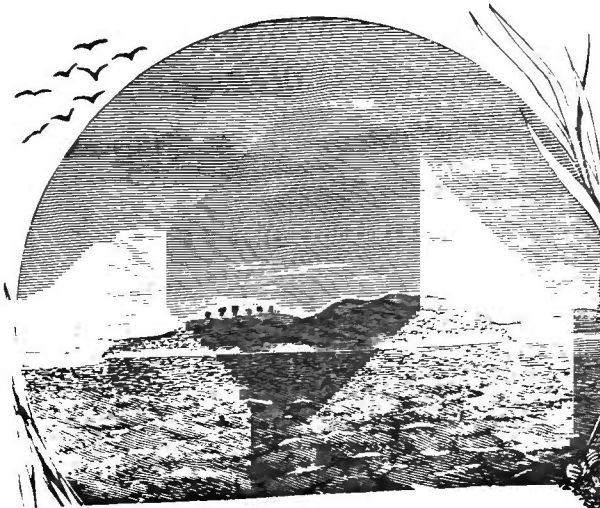


PALESTRAS HISTORICAS

A primeira exploração á costa do Brazil

IV

(Continuação)

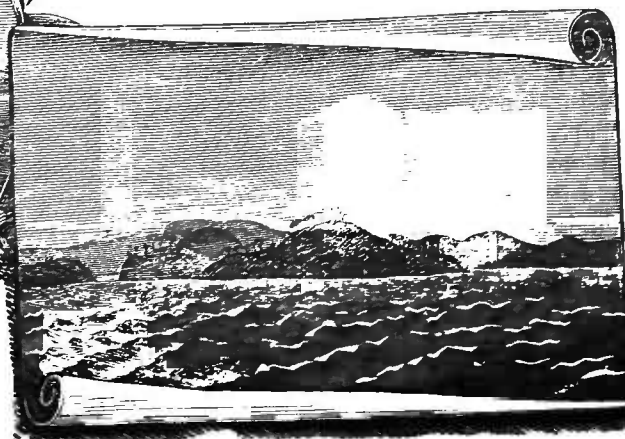


CAPO DE S. ROQUE

A primeira terra que os exploradores avistaram, na costa do Brazil, não está sufficientemente discriminada. Os historiadores que têm commentado as cartas de Vespucio dizem que foi o cabo de S. Roque, accrescentando o visconde de

Porto-Seguro que foi em 16 de Agosto de 1501, dia do santo, de onde lhe proveio o nome que ainda conserva. Aonde elle foi encontrar dados para esta asserção é o que não sabemos, nem elle o especifica.

Ora, a regularmo-nos pelo numero de



CAPO DE SANTO AGOSTINHO

leguas, que Vespucio diz percorrêra, a

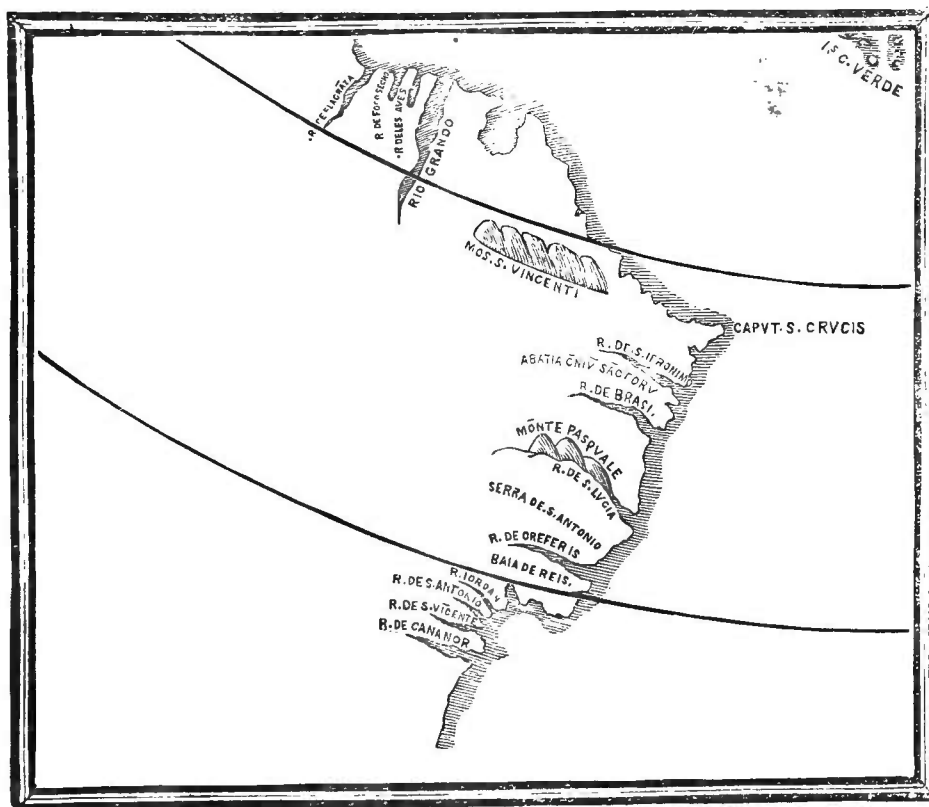
primeira terra avistada foi mais para o oeste, na actual provincia do Ceará, talvez nas proximidades, do Rio Grande, habitada pelos ferozes *Pytaguares*, com quem os primeiros europeus trataram com as cautelas precisas, pelas traições e barbaridades commettidas por elles.

Diz Vespuccio que desde o lugar a que primeiro aportaram até o cabo de Santo Agostinho eram cento e cinquenta leguas. Este calculo approxima-se com a distancia entre o Rio-Grande e o referido cabo, pois segundo Simão de Vasconcellos, desde o dito rio ao de Jaguarybe são trinta e sete leguas; desde este ultimo ao cabo de S. Roque outras trinta e sete leguas, e deste ao cabo de Santo Agostinho noventa, o que faz cento e sessenta e quatro.

de cento e cinquenta leguas, mas sim noventa, como dissemos.

Temos ainda que sahindo-se de Bezeguiche, actualmente Gorea, e navegando na direcção indicada por Vespuccio, sudoeste quarta do sul, é mais certa a rota para a costa do Maranhão do que para o cabo de S. Roque, como melhor indica a rosa dos ventos.

Diz Vespuccio: « Sahindo desta paragem (a primeira em que desembarcaram) seguimos a nossa navegação entre léste e suéste, que assim corre a costa, e fizemos varias escalas, mas não achámos gente com quem pudessemos tratar, e assim navegámos tanto até que vimos voltar a costa para sudoeste; e como passámos um cabo, a que puzemos o nome de Santo Agostinho, principiámos a seguir á feição da terra. Está este cabo dis-



Mapa referente á costa do Brazil, copiado da geographia de Ptolomeo

E' certo que Vespuccio precisa bem os grãos á quem da equinoxial, do primeiro porto avistado, que diz serem cinco, bem como os do cabo de Santo Agostinho em oito; mas correndo a costa desde o rio Maranhão até o cabo de S. Roque, na direcção de oeste a léste, com pequena inclinação para léste quarta suéste, os cinco grãos de latitude são encontrados em diversos pontos muito distantes uns dos outros. Acresce ainda que a costa entre um e outro cabo corre na direcção de sul quarta suéste, e a distancia não é

tante do lugar em que vimos matar os dous christãos cento e cinquenta leguas para o le-vante, em oito grãos além da equinoxial para o sul. »

Vê-se por este trecho que os exploradores não notaram o descahimento da costa desde o cabo de S. Roque até o de Santo Agostinho, que é sul quarta suéste, nem tão pouco demarcaram o mesmo cabo de S. Roque. Este engano de Vespuccio foi continuado pelo editor da *Geographia de Ptolomeu*, pois que descrevendo a costa diz :

«... dalli (cabo de Focosseco) mette-se tanto para o sul que apenas fica um gráo longe do Equador em a longitude de trezentos e vinte. Novamente torna-se a estender para o norte até á latitude antecedente; depois do que, vai a praia fazendo varias enseadas até á longitude de trezentos e vinte e quatro gráos e meio, onde faz um grande seio que olha para o norte, cujo ponto mais austral está na latitude de tres gráos e meio; o meio da enseada tem a longitude de trezentos e vinte e cinco, a parte mais oriental de trezentos e vinte e sete, com a latitude acima dita. Daqui volta ao nascente, descendo para o sul tortuosamente até á longitude de trezentos e quarenta gráos, na latitude meridional de quasi quatro gráos. Depois sóbe um tanto para o nascente até o cabo de Santa Cruz, em a longitude de trezentos e quarenta e quatro gráos, e latitude sobre-dita. Depois volta, e mette-se para dentro pouco a pouco sinuosamente até á embocadura do rio de Santa Luzia, e promontorio de Santo Antonio, que está na longitude de trezentos e quarenta gráos e meio, e na latitude meridional de dezoito...»

Por esta descripção da costa e pelo que diz Vespucio, bem como demonstra o mappa de Ruysh, fica-se em duvida se este cabo de Santa Cruz será acaso o cabo de S. Roque, pois tanto uma noticia como outra condiz com a descripção da costa até elle, o que não acontece até o actual cabo de Santo Agostinho.

Em verdade, a costa norte do Brazil correndo desde o Amazonas até o cabo de S. Roque na direcção de oeste para leste, com pequena inclinação para les-sueste, dahi é que se pronuncia fortemente para sul quarta sudoeste até o cabo de Santo Agostinho, e dahi por diante para su-sudoeste.

A inclinação da costa entre os dous cabos é tão sensível que a longitude de um a outro apenas faz differença de 16', ficando o cabo de Santo Agostinho em 25° 48', e o de S. Roque em 26° 2', sendo entretanto a latitude, o ultimo 5° 6' e o primeiro 8° 20' ¹⁵

Semelhante inclinação não podia deixar de ser notada pelo navegador que, procurando o sul do Brazil, vindo da costa norte, tivesse de transpôr o dito cabo de S. Roque, pois embora a costa do cabo de Santo Agostinho para a parte austral seja mais pronunciada para su-sudoeste, não é tão sensível este descahimento e tanto para notar, como navegando do norte e dobrar o cabo de S. Roque.

Cumpre notar que a maioria das cartas geographicas não são exactas no delineamento

da costa brasileira nos referidos pontos que ventilamos.

Como quer que seja, parece-nos que o cabo de que se trata é o de Santo Agostinho, o ponto mais oriental de toda a America, e que tambem presumimos ser André Gonçalves quem o baptizou com o nome de cabo de Santa Cruz.

A segunda missiva de Vespucio dirigida para Pariz concorda com a descripção da costa percorrida ao norte da terra de Santa Cruz, com a differença notavel, porém, que nella elle diz que desde que avistou terra até o cabo de Santo Agostinho havia uma distancia de trezentas leguas. A ser exacta esta asserção, o primeiro ponto a que aportaram seria além do Maranhão, no Amazonas, ou em suas proximidades.

Não crêmos que fosse assim, achando mais conforme a sua primeira carta dirigida a Soderine, pois concorda mais com a derrota que seguiu da costa d'Africa até lançar ferro em terras brasileiras.

Fixar, pois, o ponto em que os primeiros exploradores desembarcaram em terras brasileiras é uma temeridade. Pelo numero de leguas que Vespucio relata, e muito principalmente pela navegação em rumo de les-sueste que elle declara correr a costa, esse ponto não podia ser o cabo de S. Roque, porque não o menciona, e porque delle ao de Santo Agostinho a costa não corre nessa direcção mas sim su-sueste.

Accresce ainda que no espaço de vinte leguas áquem do cabo de S. Roque a terra era despoitada, como o affirma Gabriel Soares; cheia de alcantis á beira-mar e com pouco arvoredo; esteril e fraca e sem portos capazes de segura ancoragem.

Entretanto Vespucio diz que no ponto em que fizeram o desembarque havia gente e por signal bastante hostile aos exploradores.

Ainda mais: a ser no cabo de S. Roque era natural que na travessia de Bezeguiche ao ponto conjecturado encontrasse a ilha de Fernão de Noronha que pouco dista do cabo de S. Roque, além de que um desembarque nas proximidades do dito cabo era perigoso senão impossivel pelos baixos que o circundam, como diz o almirante Quintella.

Alguns commentadores das cartas de Vespucio objectam que a elle aportar á costa norte do Brazil as correntes maritimas não permittiam que a navegação fosse de oeste para leste, levando pelo contrario as embarcações para o noroeste, tal é a sua força até o mez de Setembro.

Com effeito, Diogo Garcia, o habil piloto portuguez ao serviço de Hespanha, que

¹⁵ Merid. de Lisboa.

em 1527 fez uma viagem ao Rio da Prata, de que nos deixou uma interessante *Memoria*, dada á luz pelo visconde de Porto-Seguro, e que nos parece foi o primeiro que notou as correntes maritimas sahidas do golpho de Guiné, diz o seguinte a este respeito ¹⁶:

« Desta ilha da Boa-Vista (Cabo-Verde) fizemo-nos á véla no rumo de sul, e nesta travessia se ha de navegar com muito resguardo e bom saber da pilotagem, por causa das correntes sahidas dos rios de Guiné, que empurram os navios para o noroeste, caminho das Indias de Castella. Destas correntes não se soube resguardar Sebastião Gaboto, porque não era marinheiro, nem sabia navegar.

« Desde as ilhas de Cabo-Verde até o cabo de Santo Agostinho a direcção é em sudoeste, mas para o dobrar navega-se ao sul e ás vezes sul quarta sudoeste, pois mesmo com esta derrota ainda assim é trabalhoso para o transpor, taes são as grandes correntes proximas ao seu littoral, que como disse correm para o noroeste.

« Esta travessia tem quinhentas leguas e em geral sempre nella ha calmarias, muitas trovoadas e aguaceiros, causados pelo excessivo calor da linha equinoxial. »

Accrescentam outros que ao piloto que não fôr pratico da navegação naquellas paragens é impossivel navegar com terra á vista, e

¹⁶ Parece-nos que este Diogo Garcia foi o mesmo que dez annos depois acompanhou D. João de Castro á India, em 1528, pilotando a não *Grifo*, referido no seu *Roteiro de Lisboa á Goa*, ultimamente publicado em Lisboa com eruditas annotações pelo Sr. Andrade Córvo.

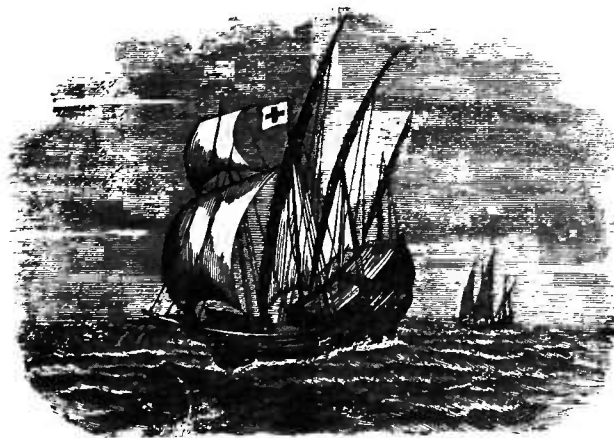
muito menos a fazer desembarques pelos baixos e escolhos de que está povoada a costa, muito principalmente pelos baixos de S. Roque que se prolongam pelo espaço de dez leguas para o norte.

E' certo que as correntes maritimas são um obstaculo para a navegação, principalmente naquelles tempos em que o poderoso auxilio do vapor não era conhecido nem sonhado, mas ainda assim essas correntes eram vencidas pertinazmente com os fracos meios de que a nautica podia dispôr. A escala que as armadas para a India faziam pela terra de Santa Cruz, fugindo ás correntes e calmarias proximas á costa africana, desfavoraveis para a ida, eram aproveitadas para a volta, e ainda assim muitos navios as venceram, indo dobrar o cabo da Boa-Esperança, com longa demora, com insano trabalho, é verdade, mas realizavel.

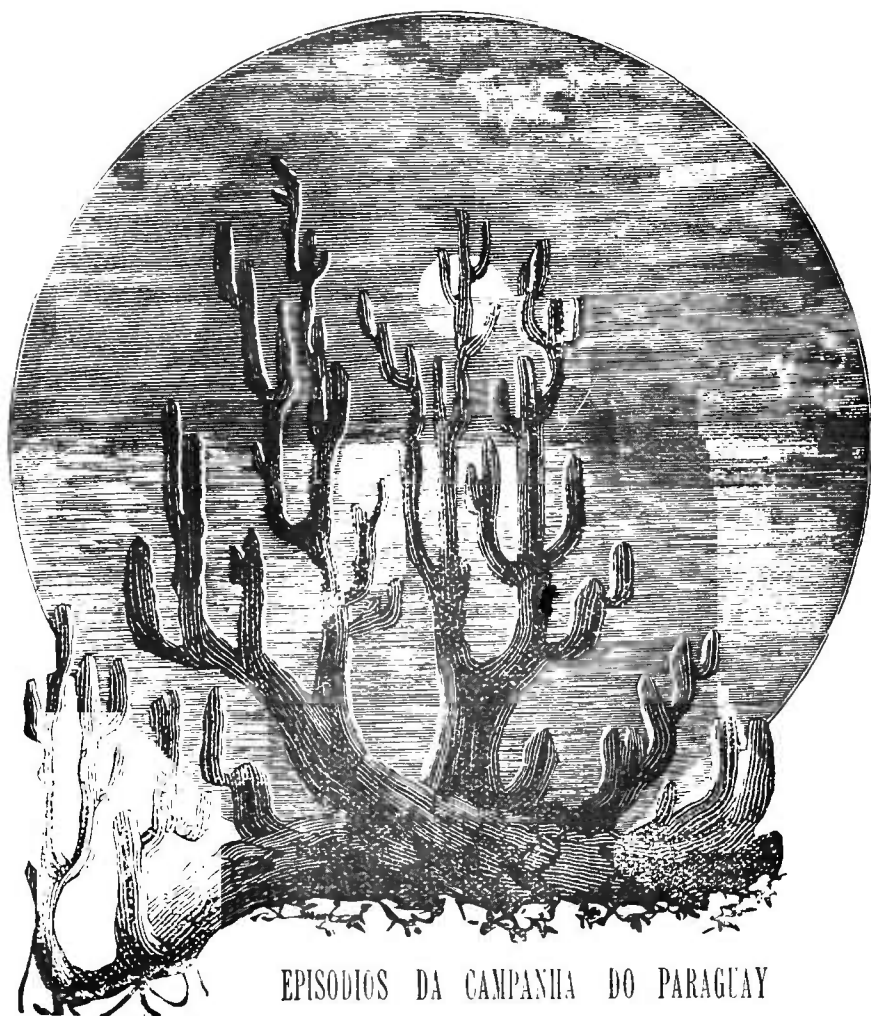
Emquanto á falta de bons portos e perigos que a costa norte do Brazil offerece á navegação, é um facto incontestavel, pois que sem um bom pratico qualquer embarcação que tente margear suas costas não o póde conseguir sem arriscar-se a naufragio certo.

Formar-se, pois, juizo exacto sobre a navegação destes primeiros exploradores na costa norte do Brazil, segundo o que diz Vespuccio, é o que não se póde fazer, pois tudo nelle é vago, confuso, contraditorio, como mais largamente demonstraremos no correr de nossas palestras.

(*Continúa.*)



CARAVELLA



EPISÓDIOS DA CAMPANHA DO PARAGUAY

Abordagem aos nossos encouraçados

Era uma noite escura; nuvens grossas cobriam a abobada celeste; o ambiente pesado, as aves nocturnas esvoaçando nas margens do rio Paraguay e piando de quando em vez, prenunciavam medonho acontecimento.

Passaram-se as horas quando, pela madrugada do dia 2 de Março de 1868, transformára-se em realidade aquillo que um espirito prescrotador, uma alma supersticiosa, já teria adivinhado.

Os paraguayos, em numero de 1200, aproveitando a escuridão, atacaram a primeira grande divisão de nossa esquadra: foi um assalto ardiloso, feito aos encouraçados por homens robustos e escolhidos, d'entre os mais corajosos, pelo proprio Lopez, semi-nú, armados de espadões, facões e granadas de mão, transportados em canoas mascaradas por *camalotes*. Teriam sorprendido essa valente divisão se não fôra o guarda-marinha José Roque da Silva, que, estando de ronda, desconfiou dos montões de hervas fluctuantes, e em boa hora, por isso que traziam

como contrabando canoas prenhes de inimigos, que, deslisando mansamente pela correnteza do rio, procuravam as amuradas dos nossos vasos de guerra para dar-lhes uma inesperada abordagem.

A' presença de espirito e perspicacia desse joven official muito se deve o bom exito, que tiveram nossas forças, nesse horrivel ataque.

Reconhecer, voltar os remos, e gritar para o *Lima Barros* e *Cabral* que iam ser abordados, foi obra de instantes, não deixando mesmo assim de correr o risco de morrer envolvido com os assaltantes na ocasião em que subia para o *Lima Barros*, a cuja guarnição pertencia.

Quem ouvisse o bater do coração desses bravos tripolantes, com certeza não lhes poderia contar as palpitações, tal foi a nova que receberam! Da mesma sorte era preso o destemido Roque da Silva, que gritava—avante!—aos denodados marinheiros do seu escaler-vigia.

A' voz do official, os tripolantes carregavam os remos, fazendo o pequeno barco-avisador correr, voar sobre as aguas, como o brigue que vai de velas pandas ao brandinho soprar de virações benignas.

A distancia foi vencida rapidamente. Os encouraçados tinham os ferros a fundo, em linha perpendicular á direcção da corrente das aguas e á distancia de dous kilometros.

Apezar da celeridade com que suas guarnições chegaram a postos, não foi possivel opporem-se a que no *Lima Barros* o inimigo firmasse pé em numero de 400 e tambem abordassem o *Cabral*.

A' testa de suas guarnições, os invictos commandantes capitão de fragata Aurelio Garcindo Fernandes de Sá e capitão-tenente João Antonio Alves Nogueira faziam prodigios de valor, defendiam-se resolutamente, heroicamente, e seriam victimados pelos golpes dos ferozes inimigos se não conseguissem, á força de uma desmedida bravura, recolher-se ás torres e casamatas.

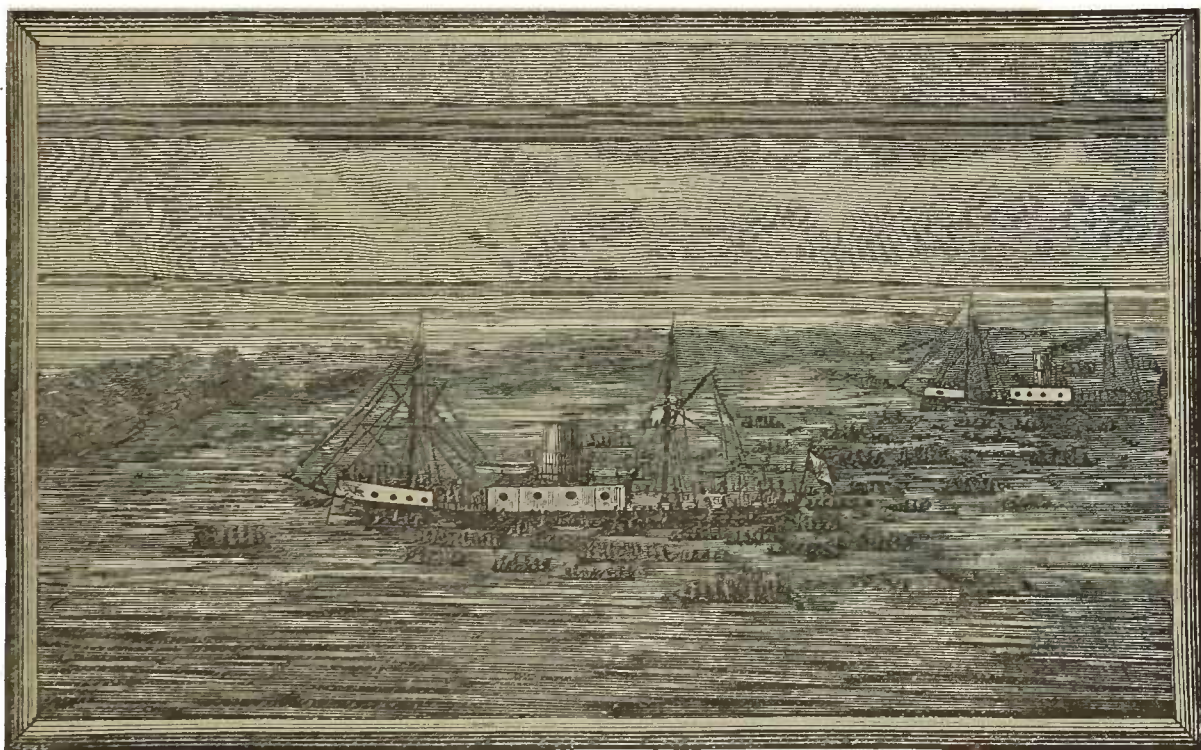
Ainda não era tudo ; grande porção de canoas se dirigiam ao *Silvado* e *Herval*.

Do *Silvado* era commandante o venturoso e arrojado capitão-tenente Jeronymo Francisco Gonçalves, que, mandando logo largar a amarra por mão, levantou seus fogos, e, collocando-se entre os dous encouraçados, começou a lançar sobre elles metralha, como lhe aconselhava a critica situação em que estavam aquelles vasos de guerra.

O *Herval* com a maxima rapidez apromptou a machina, e, seguindo o movimento do *Silvado*, se arremessou com elle, ora sobre os navios abordados, ora sobre as canoas de que estava o rio coberto, causando ao inimigo consideravel destroço.

pela doce correnteza das aguas, passava uma multidão de corpos, hirtos, esphaceiados, de paraguayos.

O fogo havia cessado. O *Silvado*, o *Herval* e o *Mariz e Barros* perseguiram algumas canoas, cujos tripolantes se lançavam ao rio como ultimo recurso de salvação ; comtudo ainda persistiam em não abandonar os navios abordados um grande troço de paraguayos, que os julgavam presas suas ; mas essa illusão de momento foi dissipada, porque o capitão-tenente Jeronymo Gonçalves, por iniciativa propria, fez manobrar o navio de seu commando para abordar um dos navios assaltados, e, de arma branca, á frente de sua bizarra e valente guarnição, exterminou



ABORDAGEM AOS ENCOURÇADOS

Ao sangue frio e reflexão dos bravos capitães-tenentes Jeronymo Gonçalves e Helvecio Pimentel se deve a pouca perda dos navios assaltados, por isso que souberam tornarlhes o sacrificio o menos sanguinolento que era possivel.

Surgiam os primeiros raios da aurora ; a luz do sol irradiava o horisonte com seus clarões que vinham illuminar a victoria. A claridade do dia nascente dava a este painel um aspecto fantastico, como se fosse a viva representação dos sonhos de Dante ou das scenas descriptas por Poë.

No rio espelhado pela luz havia um largo lençol de sangue, e devagar, conduzidos

o inimigo a golpes de espada e de sabre, completando assim a victoria, que era saudada pelos entusiasticos vivas a S. M. o Imperador e á armada brazileira !

Esse entusiastico brado foi secundado pela voz das guarnições dos navios abordados, que, abandonando as guaridas e casamatas, içavam triumphantemente a bandeira nacional nos penões do *Lima Barros* e *Carabal*, em substituição ao estandarte tricolor que o arrojio do inimigo tinha feito tremular nos navios. Teve neste assalto lugar saliente o heroe Jeronymo Gonçalves, já conhecido pelo desassombro no combate, valor e sangue frio por muitas vezes manifestados.

Tambem foi um dos bravos desse dia *Maurity*, que inscreveu seu nome no rol das glórias de nossa marinha a par dos invictos *Jeronymo Gonçalves*, *Abreu Coimbra*, *Elizario Barbosa*, *Mariz e Barros*, e quantos formavam essa radiante e esplendorosa pleiade de jovens officiaes, a quem o paiz deve os triumphos de *Riachuelo* e *Curupaity*.

No entanto o inimigo, forte e ousado, não se havia ainda capacitado da inefficacia das tentativas que sobre a nossa esquadra fazia, por isso, na noite de 9 para 10 de Julho, atacou o encouraçado *Barroso* e o monitor *Rio Grande*, este fundeado junto á mata da margem esquerda do rio, aquelle acima do *Tagy*, na boca de uma lagoa em que se apoiava a rectaguarda de nossas infantarias.

Os paraguayos, sahindo do rio Vermelho, em vinte canoas, amarradas duas a duas, formando em cada canoa uma tripolação de doze soldados e um official, depois de terem costeado a ilha « *Montevita*, » descobriram-se por detraz de um grande grupo de hervas aquaticas, á pequena distancia do *Barroso*, que, tendo toda sua guarnição a postos, na casamata, fazia fogo de fuzilaria sobre elles.

Mas a coragem, para bem dizer, selvagem, que caracterisava os nossos inimigos, levou-os a emprehender um formidavel ataque ao *Barroso*, que, assaltado por elles, despejava de seus bordos bem nutrida saraivada de metralha, ciando á ré para desfazer-se das canoas assaltantes.

Esta manobra offereceu o melhor resultado. pois grande numero de canoas foram destruidas e suas tripolações deitaram-se á agua.

E' preciso lembrar aqui o glorioso nome do capitão de fragata *Arthur Silveira da Motta*, hoje barão de *Jaceguay*, que, abandonando as torres, poz-se á frente dos officiaes e praças de sua guarnição, e repellio os mais temerarios inimigos poupados pela metralha.

Não perdiam, porém, os paraguayos occasião de ver se podiam tirar vantagem da

luta, e na illusão de seus dourados sonhos tinham a estulta pretensão de possuir um dos nossos encouraçados !

Repellidos do *Barroso* e já se tendo apoderado da canoa do commandante, dirigiram-se com uma « chata » ao monitor *Rio Grande*, travando-se ahi uma luta medonha e desigual entre quinze paraguayos e o bravo capitão-tenente *Antonio Joaquim*, que, só, se achava na tolda do monitor.

Seria completa a victoria se na luta não tivesse desaparecido, victima de seu heroismo, o commandante do *Rio Grande*.

Antonio Joaquim era o typo do marinheiro; de simples marujo fez-se official superior de nossa armada.

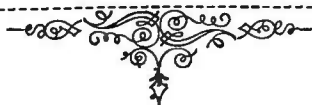
Seu nome já estava inscripto no numero dos dilectos filhos do Brazil, e pairava nos braços da immortalidade.

Os temerarios ataques de abordagem aos nossos encouraçados não eram emanados sómente da idéa fixa do dictador *Lopez*; *miss Lynch*, a irlandeza predilecta do tyranno, tambem afagava esse inepto pensamento, como promissor de grandes resultados. Ella animava a tropa, mostrando-se meiga, boa, dedicada á republica, e promettendo aos soldados as mais bellas recompensas pelo valor praticado em combate.

Assim influenciada, e porque não dizer, honrada pela magnanimidade da loura amante de *Lopez*, essa turba, arrastada ao sacrificio pelo despotismo de um dictador feroz, fazia por melhor merecer as falladas recompensas; mas, infelizmente para elles, uma força superior se lhes apresentava: era a nossa força armada, sujeita á disciplina, enthusiasmada pela defesa da patria, guiada por homens intelligentes e valorosos.

Possam as rapidas linhas que aqui deixo lembrar ao meu paiz o nome dos heroes desses assaltos, nomes que collocaram a nossa marinha de guerra entre as melhores do mundo !

F. F. DE ARAUJO,
Capitão de infantaria.



A VESPERA DE SANTO ANTONIO

Nem vossê imagina, dizia-me o vizinho Anastacio um dia destes, o que foi a vespera de Santo Antonio, ha quarenta annos, nesta boa e leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Logo pela madrugada, a dona da casa punha-se a pé e toca a sacudir, para fóra da cama, os escravos. As mulheres para os aprestos internos e os homens para os externos.

— José! negro, diabo, pega nesse barril e vai buscar agua para lavar a casa; anda, diabo! E tu, Joaquim, vai ver o cesto para ir com o *sinhô* às compras.

— *Hué!* gemia o negro velho a tiritar de frio; cesto *tá hi*, mas *sinhô tá drumindo*.

— Vai ver o cesto e não me converses.. Maria! oh Maria! queres que te vá levantar com o chicote?... Onde, diabo, se mettu essa sapeca da Sebastiana?

— *Tou judando vesti nhandã*, respondia a negrinha nova, passada por contrabando pelas praias da Jurujuba.

— Tambem esta « lambisgoia » hoje é que deu para querer que ajudem a vestir-a... Oh Catharina! oh diabo! esse café ainda não está prompto?

— *Tá quasi, sinhá.*

— Quasi, quasi, e o *sinhô* não tarda levantar-se.

— Nhonhô, fica quieto, nhonhô! gritava do corredor a Sebastiana, com quem o rapazinho já andava se ensaiando.

— Juca! já principias! Tambem esta asanhada não pára!... Onde estás mettida, diabo!

— Venho do quarto de *nhandã*...

— Tambem essa empada não se acaba de vestir.

— Se eu estou aqui, mamã, dizia a Carola entrando na sala do jantar, com os olhos ainda tumidos de somno.

— Vá bater no quarto de seu pai; digalhe que o tiro de peça já deu ha *que tempos*...

Com pouco lá vinha o dono da casa, arrancando com esforço o pigarro da garganta, arrastando as chinellas, bocejando e a resmungar: que a canalha não o deixava dormir; que o diabo levasse Santo Antonio e a sua festa; porque não lhe haviam antes posto o nome de Ambrosio ou Pancraccio: a esta hora estaria livre de gastar dinheiro e ainda em cima não o deixarem dormir. Se já estava feito o café? se já haviam posto ao fogo a agua para pellar o leitão? se tinham

posto a escorrer as garrafas para o vinho que logo tinha de vir? se o Joaquim estava prompto com o cesto?

Afinal lá ia vestir-se, tomava o café e sahia, recommendando que não se esquecessem de avisar a padaria que tinham quatro assados; de mandar dizer ao Villaça que não deixasse de vir ainda mesmo com as pernas quebradas; de tornar a lembrar ao Chico da confeitaria o presunto, o doce e os dous pães-de-lot.

E lá ia elle, depois de voltar três ou quatro vezes para uma nova recommendação, acompanhado do Joaquim, com um cesto vazio á cabeça e um samburá ao braço.

Lá pelas oito horas da manhã voltava o Joaquim ajoujado ao peso de uma carga immensa: um leitão a berrar como um desesperado, um Perú calado como um philosopho, quatro gallinhas e dous patos a grazinarem como mulheres velhas, um peixe colossal com a cabeça a sahir por um lado do cesto e o rabo pelo outro, dous palmitos, um cento de camarões, um grande mólho de salsa e cebolinho, duas duzias de ovos, uma porção de ervilhas, um canteiro de alface, louro, pimenta, tomates, mil adminiculos, emfim, difficil de « esmar, » como diriam os classicos.

Emquanto andava o bom do Sr. Antonio, lá pelo mercado, a colher tudo isso, e por bom preço, a mulher virava a casa ao avesso. Lavavam-se os soalhos, vasculhavam-se as paredes, esfregava-se o trem de cosinha, bruniam-se os castiçoes e os talheres de prata, desarrumava-se o apparelho de porcelana, enfeitava-se o oratorio, punham-se as colchas ricas nas camas, mudavam-se as cortinas das portas das alcovas.

As pretas por um lado e as negrinhas pelo outro, estas sob o mando da filha e aquellas da mãe, faziam tudo isso no meio de gritos, risadas, choro, ganir do cachorrinho, miar da gata, chilrar dos passaros e palrar do papagaio.

O Juca a beliscar a Sebastiana, a Carola a ir de vez em quando á janella ver o Mau-duca do armarinho, a Quininha a comer os torresmos com farinha e o Janjão a berrar com os dedos escaldados pelo doce de côco que fóra furtar ao tacho.

De vez em quando *truz, truz*... « Quem é? » E' o caixeiro da confeitaria que vem trazer ás encomendas. *Truz, truz*: outra vez? E' o homem do açongue que vem perguntar a que horas quer o sangue para o sarrabulho. Agora é o padeiro que traz as roscas para depois de moidas polvilhar as bringellas recheiadas; logo é o pipote de Lisboa, que era o *Clarete* daquelle tempo; depois é o

Champagne que o compadre Peixoto costuma mandar todos os annos ; e, finalmente, chega o essencial, o mais importante da festa, a carroça das cannas, carás, batatas e a foguetaria : cartas de bichas, rodinhas, pistolas, busca-pés, foguetes do ar, bombas e bombões.

A's cinco horas da tarde chega a guarda avançada das visitas :

A sogra do Sr. Antonio, D. Ursula da Conceição, proprietaria das casas novas da rua do Senado e do sobrado grande da rua Nova do Conde, antes de chegar o chafariz do Lagarto.

Mora ahi ; tem as lojas alugadas a um carpinteiro portuguez, a quem protege com o fim de casal-o com a sua cria de estimação, a Plilomena, uma mulatinha muito espevitada, que só bebe chá, torce o nariz ao café, lê por cima, marca a retroz e diz que « tomara muitas moças brancas se comparar com ella na criação. »

Depois da D. Ursula vem o compadre Peixoto, socio de um armazem de molhados, solteirão e apatacado ; o outro compadre, o Braga, com a filbarada, oito, incluindo o de colo ; o Villaça, procurador de causas, muito divertido, diz boas pilherias e come como um frade, e a proposito desta comparação nunca se esquece de contar a anecdotia que acaba por « comi como um burro. »

A' noitinha vem a vizinhança : o seu Soares do Thesouro, com a mulher e as duas cunhadas ; o Sergio, guarda livros do francez da fabrica de seges ; o Azevedo, da Policia, com a Gertrudes, a *person d'elle*, como informam as mucamas umas ás ontras ; o seu Christovão, o inconsolavel viuvo da professora de Carola, que está sempre fallando na sua *defunta*, e só por lembrar-se della é que vem ao leitão e ás cannas assadas.

A's oito horas da noite o Paulinho, cunhado do Sr. Antonio, que canta modinhas ao violão e faz brindes em versos, commanda a cerimonia de accender a fogueira.

A Sebastiana traz um morrão, que o Sr. Antonio offerece delicadamente á sogra.

— Qual, diz esta ; isto já não é comigo ;

dê a sua mulher, que é quem está em idade disso : chegar o fogo á fogueira...

E suspira, memorando não sei lá que pensamentos.

Afinal o fogo atêa-se aos gravetos, a lenha começa a estalar, cresce a fogueira e o Paulinho manda aos ares um foguete de quatro estouros.

Agora vereis : « Mamã, me dá bichas ! » « Papai, quero rodinhas ! » « Seu Paulinho, me accenda esta rodinha. » « Menina, não chegue a cara á boca da pistola ! » « Juca ! não atires bichas aos pés da Sebastiana » « Ai que me queimo ! Ui ! que está quente ! » « Que batata gostosa ! » « Quer um rolete de canna ? » « Prefiro um carásinho mimoso. »

E a festança toca ao auge. A foguetaria estruge, a fogueira estala e as cannas estouram.

A' meia-noite annuncia-se « a ceia na mesa ! »

Chega a vez do leitão, do Perú, dos patos, das gallinhas ; estas ensopadas e de canja, aquelles assados e enfileirados, com mólhos de salsa nas pernas e rodellas de limão no corpo.

Tudo come, tudo falla, tudo grita, tudo berra :

— Viva Santo Antonio !

A rhetorica é laconica e incisiva.

— Oh seu Antonio, á sua saude e do seu chará lá do céo.

— Viva Santo Antonio lá em cima e nós cá por baixo que o festejamos.

— E por muitos annos.

— A' dona da casa e a Santo Antonio !

— A Santo Antonio ! para que dê um bom esposo a D. Carola.

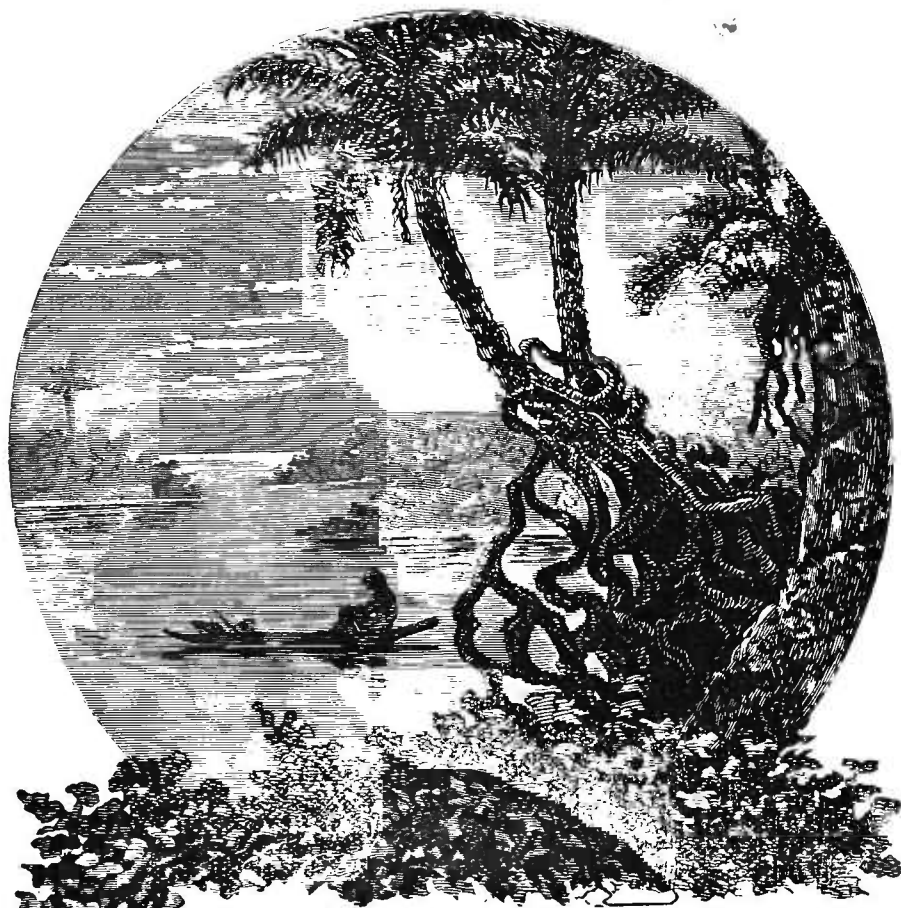
— Amen, diz a avó já meio *na pinga*, querendo abraçar o genro cuidando que fosse o seu « defunto marido, que Deus haja, » como depois explica o caso.

Fallou-se em defunto, tanto basta para que seu Christovão enxugue mais um copinho, lembrando-se de « sua defunta. »

E assim, dizia-me o velho Anastacio, se festejava no meu tempo o Santo Antonio.

F. F.





Yára

Lenda Amazonica

oi na taba dos Manãos.

Um dia um moço tapuio, filho de *taxáua*, seguiu em uma *ygára* o igarapé que banha a ponta do Taruman.

Era o mais valente, o mais forte e o mais bello da tribu.

Na ponta da sua flecha pairava certa eira a morte.

O seu tacape era o terror da onça e do Mundurucú.

E um dia, em uma *ygára*, o moço seguiu o igarapé que banha a ponta de Taruman.

A tarde ia linda, e o sol, mergulhando por detraz da collina, onde se erguia a floresta, dourava as aguas do rio Negro.

E a *ygára*, impellida pelo braço robusto do moço Manãos, cortava ligeira, como a setta do seu arco, as aguas do riacho.

De noite, alta noite, o moço voltou.

Estava triste e não dormio.

A mãe d'elle chorou por ver a tristeza de seu filho e quiz conhecer o motivo de suas magoas.

O moço fallou assim:

« — Ouve, mãe, ouve, porque só a ti

posso contar a dor que me vai n'alma.

« Era uma moça linda... como nunca vi nem entre as filhas dos Manãos, nem dos Mundurucús. Quando a *ygára* vogava, ouvi um canto longinquo, mais doce do que o do coruchué, mais terno que o arrullo da jurity. Fra della. Estava sentada á margem do rio. Tinha os cabellos cõr da pedra amarella e nelle enlaçadas as flores do mururé, e cantava como jamais ouvi cantar. Depois seus olhos verdes, como as pedras das *icamiabas*, fitaram-se em mim.

« Um momento olhou-me e em seguida estendeu-me os braços, e o seu corpo, esbelto como assahyseiro, mergulhou nas aguas do igarapé, que resvalaram-lhe pelo dorso

branco com as pennas da garça.»

E o moço calou-se.

A velha ouviu, chorou e disse:

« — Não voltes, filho, não voltes ao igarapé da Taruman. Essa virgem é a *yára*, a mãe d'agua. Seu sorriso mata como a flecha do guerreiro e sua voz é traidora como a pépéua que se occulta nas folhas. Filho, por Tupan, não voltes ao igarapé do Turuman.»

A cabeça do moço inclinou-se sobre o peito e elle ficou mudo.

E no dia seguinte, quando o sol se punha, a *ygára* cortava ligeira as aguas de Taruman.

O moço Manãos nella ia e não voltou mais á taba de seus pais.

Não souberam mais d'elle.

Ousados pescadores contavam á noite, junto ao fogo da *óca*, que, ao passarem de volta de suas pescarias pelo igarapé do Taruman, quando a noite vai alta, viam ao longe o vulto de uma mulher que cantava, e junto della o de um guerreiro moço.

E se algum mais atrevido se approximava, as aguas do rio abriam-se e os vultos desapareciam nelles.

JOSÉ VERISSIMO.

O Congresso do Sr. Silvestre

Meu velho amigo Silvestre Pinto de Mendonça Furtado da Costa entendeu fazer da ilha em que mora, e onde é o maior proprietario, uma especie de estadosinho sob o protectorado do imperio; uma dictadura, da qual é elle o dictador.

O amigo Silvestre é homem de seus setenta annos, casado, com filhos, genros, noras e netos; numerosa familia, da qual é elle o patriarcha querido e abençoado. Tirando-lhe as manias dictatoriaes, o amigo Silvestre é o que se póde chamar, na mais ampla acepção da phrase — um bom pai de familia. Amigo ás direitas, bom cidadão, e até, para que nada lhe faltasse, foi sempre um bom guarda nacional.



O AMIGO SILVESTRE

Começou por servir nas antigas milicias, e passando-se para a guarda civica percorreu todos os postos, desde o de simples cabo de esquadra até o de tenente-coronel-commandante do 43º da ilha em que habita e das adjacentes.

— Sou o commandante em chefe destas forças, dizia elle muito ancho de si, á frente de uma duzia de caipiras, quando outr'ora

acompanhava a procissão ou fazia continencias á effigie imperial no dia 2 de Dezembro.

O amigo Silvestre é juiz de paz, subdelegado, delegado da instrucção publica, prior da irmandade de Nossa Senhora da Fé, que é da matriz, e, finalmente, o compadre e padrinho geral da parochia.

Não se casa rapariga alguma na ilha que não seja elle o padrinho, e tambem não se baptiza a primeira criança em um casal que não seja elle o compadre. Não ha que errar; vendo-se um daquelles insulares é dizer logo: aquelle ou é afilhado ou compadre do amigo Silvestre.

Lá por uma manhã, tarde ou noite, entra-lhe pela porta a dentro um velhote seguido de um rapaz, que faz gyrar o chapéo entre os dedos, e uma rapariga que enrola e desenrola a ponta do chale machinalmente, baixando o olhar hypocritamente.

— *Seu compadre*, com sua licença, vai dizendo o velhote; senhora comadre, licença sua tambem. Aqui está a sua afilhada Podóca... Entra, rapariga!... Oh! que geitos são esses, toda cheia de vergonhas... Que menina acanhada esta sua afilhada, senhora comadre; tambem não sei a quem sahio.. Olhe, a mim não foi.

Emquanto a Podóca timida e desageitadamente vai cumprimentando os padrinhos, o velhote, segurando pelo braço o rapaz, vai dizendo:

— *Seu compadre*, sabe quem é este *marmanjão*? E' o Manduca da tia Engracia; veja como está isto!..

— Um homem, *seu compadre*, um homem. E' cá da ilha?

— Não, *seu compadre*; agora é que quer ser. A mãe mandou elle para o Arsenal aprender carpintaria branca, porque, *seu compadre*, isto de um homem saber officio é ter um beneficio, e o rapaz sahio-se com geito para a cousa, faz trabalho limpo; isto que elles chamam obra de esquadria é com elle... sim, senhor, faz obra assejada; um par de caixilhos, uma porta de vidraça, uma veneziana, sahe-lhe das mãos que parece feito por marceneiro. Lá em casa está uma caixa de costura que elle fez para a Podóca, que é uma joia, *seu compadre*; póde-se lavar com um bochecho d'agua.

— Mas vamos a saber, atalha o Silvestre: agora que já sabe o officio, o que quer elle?

— O que quer? O bom filho á casa torna, *seu compadre*. Se ha de andar lá pela côrte, que é cidade de perdição e malfeitoria, o rapaz quer trabalhar por cá mesmo. *Seu compadre* tem sempre obras; *seu Chico Teixeira* vai levantar casa nova para a familia que está crescendo como porquinhos da

India; o João da Praia vai concertar a venda: tudo isto são obras boas; demais, elle tem sua mãe, que está velhinha; sua mãe, *seu compadre*, a quem não se deve faltar com o pão e o respeito.

— Bom, bom, se pensa assim é que tem juizo. E o que mais?

— E o mais é, *seu compadre*, que a nossa Podóca está moça. Quem havia de dizer! parece que foi outro dia que *seu compadre* levou ella á pia... Lembra, *sinhá* comadre?

— Se me lembro! grita de lá do extremo da casa a D. Gertrudes; por signal que chovia nesse dia *como quê*... *Ihi!* aquillo é que era agua, minha Nossa Senhora da Fé, parecia que o mundo vinha abaixo!

— E nós *toca p'ra riba!*... e foi; nem por isso deixou de ferver o *samba* como nunca!... Pois, *seu compadre*, elles brincaram juntos em pequeno, jogaram o *tempo será* e a *cabra cega*. E o *seu compadre* sabe que isto de um rapaz e uma rapariga brincarem em pequenõs...

— Acabam casando grandês, se sei!... A Gertrudes que o diga.

— Deixe-se disso, *seu Silvestre!* acode a D. Gertrudes com um sorriso vaidoso e um profundo suspiro que traduz eloquentemente as saudades dos *bons tempos*. Ouça o que o *seu compadre* está dizendo.

— Pouco mais tenho a pôr na carta, *sinhá* comadre; elles querem, a mãe delle tambem quer, nós lá em casa queremos; agora quem decide a questão é o *seu compadre*.

— O que eu decido é que elles devem casar. E quanto antes.

— E já se vê que o *seu compadre*...

— Ha de ser o padrinho...

— Se é de lei.

— Mas, vamos a saber, o rapaz já está alistado na guarda nacional?

— Isso é com *seu compadre*.

— Póde provar renda legal para ser eleitor?

— Isso é com *seu compadre*.

— Vossê o que é, *seu moço*? E' dos nossos ou dos outros?...

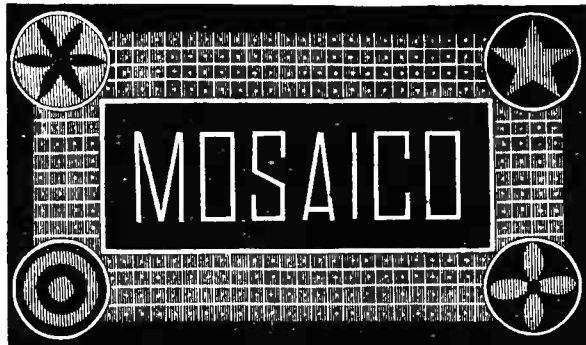
— E' do partido de *seu compadre*, isso não se discute.

— Bom, bom... a velha tem uma casinha e dous escravos, póde-se provar a renda legal. E vai-me para a 5ª companhia, para o lugar do Pedro Ariosca, que morreu outro dia.

Dias depois está casado o Manduca, da tia Engracia, a parochia tem mais um eleitor e a 5ª companhia mais um guarda.

Dahi a dez ou doze mezes o Manduca vai dar parte ao padrinho que lhe acaba de nascer um *Manduquinha*, e que a Podóca havia feito tenção de que seu padrinho fosse tambem do pequerrucho.

(Continúa.)



Conta Antonio Galvão, nos seus *Descobrimientos antigos e modernos*, que, tendo Vasco Nunes de Balboa noticia da existencia do mar do Sul (oceano Pacifico), em 1513, determinou ir descobri-lo, apesar dos obstaculos e perigos que corria, pelas hordas selvagens que povoavam o isthmo de Panamá. Acompanhado por duzentos e noventa soldados e alguns indios, para lhe servirem de guias, Balboa partio de Darien, e ora por paz, ora por guerra, penetrou no interior do paiz, onde ficou sorprendido por encontrar, na povoação de um senhorio chamado *Carcca*, negros captivos, com o cabello encarapinhado como os da Africa, o que nunca os hespanhoes haviam encontrado em toda a America.

Quando Fernão Cortez penetrou no Mexico em 1519, pedindo informações sobre o mar do Sul, os mexicanos mostraram-lhe uma tela de algodão, onde estava debuxada toda a costa do Pacifico, com seus portos, ilhas e enseadas.

Outro mappa encontrou o mesmo Cortez em 1524, quando marchou contra Christovão de Olide, em que fielmente se achavam representadas as montanhas, campinas, valles, rios, cidades e villas de Nicaragua, e outros paizes limitrophes.

A maior largura da America do Sul de léste a oeste é do cabo de Santo Agostinho á cidade peruana de Truxilo, no oceano Pacifico, no mesmo paralelo e latitude, computada em oitocentas leguas. O seu comprimento norte sul anda em novecentas e cincoenta leguas desde Caracas, no mar das Antilhas, ao cabo de Horn.

Aos nossos assignantes



Motivos imperiosos, muito longe de nossa prevenção, obrigam-nos, bem a nosso pesar, a interromper provisoriamente a publicação do *Brazil Illustrado*.

Cumpre explicar-nos.

Quando de nos começo á publicação do *Brazil Illustrado* havíamos feito em commenda para a Europa de papel especial, que não se encontrava aqui no mercado, isto com antecedencia, afin de que no 1º de Janeiro do corrente anno podessemos imprimir o primeiro numero do *Brazil Illustrado*. Houve demora, e como nossa tenção estava firmada, resolvemos fazer subir o primeiro numero em outro papel, e assim continuarmos até o fim do anno.

Afinal o papel chegou, e como o achassamos bom, com requisitos para a melhor nitidez da impressão, deliberámos continuar com elle a publicação e reimprimir o primeiro numero para assim igualar a côr do papel. Isto fizemos ver aos nossos assignantes.

A remessa do papel encomendado dava para seis mezes de publicação do nosso jornal, e para que não viesse a faltar, fizemos nova commenda, mais ampla, visto o papel preferir nossos desejos.

Desconfiados na execução de nosso pedido, isto é, que o papel seria igual, ficámos sorprendidos quando o recebemos, pois que, embora de boa qualidade, amarellado também e de bom corpo, faz comtudo muita differença na côr, e por conseguinte a continuarmos a impressão nelle ficava o volume do *Brazil Illustrado* mesclado, metade de uma côr e metade de outra.

Assim, resolvemos suspender provisoriamente a publicação do *Brazil Illustrado* até que nos chegue papel igual ao que temos usado, rogando entretanto aos Srs. assignantes de anno, que tiverem presumpções de que é uma escapula da nossa parte, uma especulação, como infelizmente por ahi apparece constantemente, mandar receber a importancia dos seis mezes restantes, que será paga pontualmente pelos editores abaixo assignados.

Tomando esta resolução, não lesamos a ninguém, sendo nós os únicos prejudicados.

Não obstante esta suspensão, o *Brazil Illustrado* ha de continuar, e todo o tempo de demora ha de ser aproveitado em promptificar grande numero de gravuras, cujas cópias

possuimos, não só por havermos feito aquisição de copiosas e variadas photographias, representando paizagens, obras d'arte e lugares pittorescos de todos os pontos do Brazil, como desenhos que obsequiosamente nos têm sido enviados de diferentes localidades, e que cabe aqui nos confessarmos reconhecidos aos cavalheiros que acudiram ao nosso appello.

Os innumerados obstaculos para a realização de publicações como o *Brazil Illustrado* podem ser avaliados mesmo pelos que poucas irroções tenham da imprensa. Paiz novo, falta de fabricas de papel, tintas, machinismos e outros accessorios relativos a officinas typographicas, ha ainda a falta de artistas xylographos, arte nascente entre nós, e por conseguinte circumscripta, o que nos tem obrigado a afanosas fadigas para occorrer a multiplos trabalhos, variados e de imprescindivel dever.

Devemos dizer com franqueza, ainda que com magoa, que não temos sido bastante coadjuvados pelos amadores da boa leitura, sã e instructiva; mas confessamos: longe, bem longe, está essa indifferença para o desanimo que porventura nos viesse esmorecer, não seguindo a rôta encetada. E' certo que o limitado numero de assignantes nem para a quarta parte da despeza tem chegado; mas como o nosso fito ao encetarmos a publicação do *Brazil Illustrado* não foi o lucro, com outras verbas de receita contamos para fazer face á despeza, sem com isto dizermos que regeitamos a coadjuvação publica.

Da imprensa da côrte e provincias só temos louvores a significar-lhes, agradecidos, pelas palavras de animação que nos têm dirigido, encorajando-nos a proseguir na publicação do *Brazil Illustrado*, incentivo a que procuraremos corresponder, não só melhorando as gravuras, a impressão, como na escolha de boas artigos.

O nosso proceder parece-nos correcto.

Assim, pois, rogamos aos Srs. subscriptores do *Brazil Illustrado*, que pagaram o anno e não se conformarem com a demora, mandar receber o excedente á rua Sete de Setembro n. 157.

Rio de Janeiro, 30 de Junho de 1887.

Os editores-proprietarios,
PINHEIRO & C.

